

DISSEMINAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS, EM SALGUEIRO/PE

Pablo Aurélio Lacerda de Almeida Pinto¹

Patrícia da Silva Lemes²

Luiz Moreira Coelho Junior³

Resumo

A economia solidária surgiu na necessidade de combater as mazelas impostas pelo capitalismo. Nos últimos vinte anos, essa nova economia ganhou impulso, e, atualmente surge como uma alternativa de modelo econômico baseado em premissas contraditórias ao modelo capitalista, princípios estes como a solidariedade, sustentabilidade e autogestão. O presente trabalho teve como objetivo analisar como se configura a disseminação dos princípios da economia solidária na comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas sob a égide da atividade artesanal. A Fundamentação teórica foi fundamentada em diversos autores que abordam o tema, entre os principais citados encontra-se: Singer (2002), França Filho (2004), Domingo (2009) Gaiger (2004), Tauile (2002), Dantas (2009). No que toca aos aspectos metodológicos, caracteriza-se como pesquisa de natureza qualitativa, assinalada como descritiva. Como estratégia de pesquisa utilizou-se o estudo de caso, e foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas lideranças da comunidade. Os resultados revelaram que a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) dissemina dentro do empreendimento os princípios defendidos pela Economia solidária, onde a solidariedade e autogestão são postos como fatores primordiais para o desempenho da associação.

Palavras-chave: Economia Solidária, Desenvolvimento Local Sustentável, Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.

¹ Professor da Universidade de Pernambuco (UPE), pabloaurelioap@hotmail.com.

² Graduada em Administração, Universidade de Pernambuco (UPE), Salgueiro/PE, pathyylemes@gmail.com.

³ Professor do Centro de Energias Alternativas e Renováveis - CEAR da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, luiz@cear.ufpb.br.

1-Introdução

Os últimos vinte e cinco anos do século XX foram marcados por acentuadas transformações nas esferas da sociedade, da economia e da política. O surgimento de novas tecnologias junto à celeridade dos processos de inovação, a queda do bloco soviético, o fenômeno da globalização e a crise do Estado de Bem-estar social, são alguns exemplos que podem ser relacionados para compreensão do conjunto de transformações que marca a história recente. Parte dessas mudanças possui uma relação direta com o fim dos chamados “*Anos dourados do capitalismo*” HOBSEBAWM (1995) - que se deram no período de período (1950-1970) - evidenciados, sobretudo, nos países de economia capitalista avançada, que apresentam um estado com papel mediador na economia, o pleno emprego, uma grande rede de proteção social e sindicatos fortes e ativos.

Esse paradigma de organização social e econômica, no entanto, começa a se disseminar a partir da década de 1970 com a chamada crise do modelo fordista-taylorista de produção e do Estado de Bem-Estar Social. Isso impactou mais particularmente nos trabalhadores, através do desemprego em massa, da flexibilização e precarização das condições e relações de trabalho, e da crise nas formas tradicionais de representação social e política da classe trabalhadora como os sindicatos, por exemplo. Frente a isso, trabalhadores, políticos e outros agentes sociais têm desenvolvido um leque de propostas e experiências em resposta a esses novos desafios do mundo do trabalho, que se manifestam desde o surgimento de novos movimentos sociais, passando pelas organizações não governamentais, até formas alternativas de trabalhos e renda, assim como os clubes de trocas comunitários e as cooperativas (SCHMIDT; PERIUS, 2003; SINGER, 2002).

Frente a isso, no Brasil, a partir da década de 1980 e acentuando-se na década de 1990, com a abertura do mercado nacional empreendida pelo então governo Collor, há um verdadeiro *boom* dos empreendimentos no campo da chamada Economia Solidária (ES). Define-se, então, a ES como um aberto sistema econômico, consolado nos valores da cooperação e da solidariedade, na ideia de atender as necessidades e desejos materiais e de convivência, por intermédio de mecanismos de democracia participativa e de autogestão, visando à emancipação e o bem-estar individual, comunitário, social e ambiental. Como aborda Singer (2002, p.10) “A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual” (SINGER: 2002a, p. 10).

O que diferencia os empreendimentos solidários das demais atividades econômicas de cunho capitalista, surgidas pelas mesmas razões estruturais (precarização/flexibilização das relações

de trabalho e desemprego em massa), é a razão de que as primeiras estão sob organização de autogestão e as outras não. Isto é, são atividades cujos associados detêm a posse coletiva dos meios pelos quais exercem a atividade econômica (produção, consumo, poupança, etc.) e, por isso, são igualmente responsáveis pela gestão do empreendimento, através do princípio “um membro= um voto”. (GAIGER 1999; SINGER 2002).

Aliados aos princípios da economia solidária são fundamentais a compreensão sobre desenvolvimento local sustentável, fator que deve balizar e nortear os participantes desse processo em comunidade e grupos. Também é um termo bastante presente e que fundamenta a economia solidária. Segundo Buarque (2002), o desenvolvimento local sustentável resulta da interação e sinergia entre a qualidade de vida da população local- redução da pobreza, geração de riqueza e distribuição de ativos - a eficiência econômica- com agregação de valor na cadeia produtiva-e a gestão pública eficiente. Já na visão de Cattanni (2003, p. 130), desenvolvimento sustentável significa “Uma forma de ver o desenvolvimento de uma sociedade, consciente dos prejuízos causados ao meio ambiente pelo desenvolvimento econômico atual”, a fim de harmonizar o processo de desenvolvimento social com a manutenção do equilíbrio ambiental do planeta.

No estado de Pernambuco, empreendimentos solidários vêm ganhando expressivo destaque pela geração de renda e emprego nas populações excluídas do mercado formal de trabalho. Empresas como a ASSIM (Associação dos Pequenos Produtores Rurais e Moradores das Comunidades do Imbé, Marrecos e Sítios Vizinhos), localizada na região da zona da mata norte de Pernambuco, fundada em 1998, a EcoOrgânica-Cooperativa de produtos familiares orgânicos, fundada em 2004, com sede em Vitoria de Santo Antão, são exemplos de sucessos de empreendimentos da economia popular solidária. Outra organização como, a INCUBACOOPE-UFRPE, incubadora que nasceu dentro da universidade através de um programa chamado: Programa de Associativismo para Ensino, Pesquisa e Extensão, é exemplo de organização que apresenta acúmulo no fomento desses empreendimentos no estado (ARCOVERDE *et al.*, 2007).

Este trabalho tem por finalidade apresentar as práticas de economia solidária na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, uma comunidade marcada por diversas lutas em sua trajetória como resistência às várias formas de opressão, exclusão e omissão da sua história e de seus direitos. Conceição das Crioulas é uma comunidade rural do município de Salgueiro-PE que sofre pela ausência de políticas públicas em seu interior, com a falta de saneamento básico, com estradas precárias de acessos à comunidade e pouca inserção dos seus habitantes no mercado formal de trabalho (AQCC, 2007).

Segundo Rocha (2014), a comunidade de Conceição das Crioulas oferece poucas oportunidades de trabalho às pessoas que só têm como opção de trabalho a agricultura, essa que, por sua vez, necessita de precipitações pluviométricas que não vêm ocorrendo na região, nos últimos anos. Em contrapartida, o território, nos últimos anos, tem tido um verdadeiro avanço com relação à infraestrutura, dispondo de novas escolas, mercado e biblioteca pública, contam ainda com uma casa comunitária e a AQCC (Associação Quilombola de Conceição Das Crioulas), o nosso lócus de estudo (AQCC, 2007).

O presente artigo está dividido em mais cinco seções além desta introdução. A próxima seção apresenta a fundamentação teórica sobre o tema economia solidária e desenvolvimento local sustentável. Na terceira, apresentamos um panorama da economia solidária no Brasil. A quarta seção apresenta a metodologia utilizada e o ambiente onde foi realizada a pesquisa. E, por fim, na quinta seção, é apresentada a análise e discussão dos resultados, seguidas das conclusões do estudo.

2- Metodologia

A pesquisa descritiva, segundo Gil (2008), proporciona descrever situações, experiências, fenômenos ou processos em detalhes, estabelecendo assim relações entre as variáveis. Esse tipo de pesquisa permitiu um conjunto de informações que subsidiaram as análises.

No que se refere à estratégia de pesquisa, o estudo foi configurado como um estudo de caso (YIN, 2005). Segundo Yin (2005), o estudo de caso é o método mais apropriado para obter em profundidade todas as nuances de um determinado fenômeno atual dentro do seu contexto real, em situações em que as fronteiras entre o contexto e o fenômeno não estão explicitamente compreendidas. A localidade de investigação, nesse sentido, foi a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas zona rural do município de Salgueiro-PE.

Por possuir características pertinentes aos princípios da economia solidária em sua associação, como: a coletividade e a geração de renda por meio de recursos sustentáveis, a AQCC apresentou-se como um lócus em potencial para investigação de práticas condizentes com os preceitos defendidos pela ES.

Utilizou-se a entrevista como uma das técnicas para coleta de dados que, segundo Lakatos e Marconi (2003), configura-se por meio de conversação entre duas pessoas, onde ocorre a extração de informações acerca de um determinado assunto que é de interesse de uma das partes. Foi empregada a entrevista semiestruturada. Esse tipo de entrevista pede do entrevistador um esboço de

questões predefinidas, mas mantém liberdade para colocar outras cujo interesse surja no decorrer da entrevista (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Lakatos e Markoni (2008) salientam que essas questões pré-definidas, são caracterizadas com uma diretriz, mas sem, no entanto, oferecer um caráter determinístico e inflexível à entrevista, pois, a entrevista semiestruturada permite a exploração de outras questões que vão surgindo no decorrer da entrevista e possibilita criar uma diferenciação entre os candidatos, sendo que, o rumo seguido dependerá do retorno destes.

Desse modo, para atender aos objetivos que conduzem esse estudo, as entrevistas foram realizadas com duas lideranças artesãs da AQCC. Os critérios de seleção dos sujeitos foram balizados pela representatividade coletiva, política e social que as entrevistadas dispõem na comunidade e na AQCC. Foram entrevistadas: Maria de Lourdes (Lourdinha) e Valdeci, que além de serem de grande relevância na representatividade, são experientes nas práticas inerentes a confecção de artefatos artesanais e possuem uma grande historicidade marcada por lutas sociais em prol do bem comum para a comunidade.

Os dados coletados foram organizados e analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, que, segundo Bardin (2011), é composta por três etapas: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A etapa de **pré-análise** pode ser relacionada a uma fase de organização das informações, onde serão submetidas a um processo de preparação de um esquema, embora flexível, mas com procedimentos bem definidos. Nessa fase, Bardin (2011), alerta para uma leitura “flutuante”, em outras palavras, será exigível um primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise, tentando apreender de uma forma global as ideias principais e os seus significados gerais.

A **exploração do material** consiste na busca por classificações e agregações das informações por meio de categorias significativas e simbólicas correlacionadas à temática. Essa categorização será feita por meio de codificação, que, segundo Bardin (2011) é definida como um processo de transformação, feito através de recortes, enumerações e agregações, com base em informações precisas que estão relacionadas intrinsecamente as características do conteúdo.

Na fase de **tratamento dos resultados obtidos e interpretação**, ocorreu o destaque e a condensação das informações para análise, dessa forma, culmina-se para o pesquisador a realização de inferências e interpretações sob o marco teórico pertinente à investigação (BARDIN, 2011).

3- Ambiente da Pesquisa

A comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas está localizada no município de Salgueiro, a uma distância de 42 km da sede e aproximadamente 542 km da capital pernambucana - Recife. Essa comunidade é marcada por diversas lutas em toda a sua história, seu povo é definido como “remanescente de quilombo”. Tal termo está intrinsecamente relacionado à origem das Crioulas, que descendentes de escravos africanos mantêm suas tradições culturais e religiosas (AQCC, 2007).

A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas possui pessoas físicas e jurídicas do território quilombola no seu quadro associativo. A AQCC e seus associados atuam de forma ativa na consolidação da missão que baliza a sua existência, que é a promoção de um desenvolvimento sustentável na comunidade, o fortalecimento da identidade cultural e étnica e a organização política (AQCC, 2007).

Essa associação, além de discutir demandas locais, tem desenvolvido produtos artesanais sob égides sustentáveis. A confecção desses artefatos dá-se pelo aproveitamento das potencialidades dos recursos naturais locais que permite aos integrantes da associação o registro dos valores simbólicos da comunidade, explícito na representação dos produtos artesanais confeccionados, como também, na geração de renda por meio de suas vendas (AQCC, 2007).

4 -Análise dos Resultados e Discussão

A proposta desse estudo foi investigar as contribuições para o desenvolvimento local sustentável na comunidade quilombola da conceição das crioulas, a partir da disseminação dos princípios da economia solidária. Para tal, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com duas lideranças da comunidade.

O objetivo da categoria autogestão foi analisar as práticas de gerenciamento do empreendimento frente ao modelo de autogestão, investigando se há relação congruente entre as partes. Serão ressaltadas algumas falas dos entrevistados que correspondem as análises dessa categoria.

Quando perguntado às entrevistadas sobre a forma de participação dos membros no momento de tomadas de decisões, a resposta foi praticamente a mesma, onde ressaltaram que, de forma emancipada, todos os membros têm voz ativa nesse momento. Isso pode ser identificado em algumas falas, como:

“Igualitária. Todo mundo tem o direito de opinar e acatamos todas as ideias buscando um objetivo comum (...)” E1.

“Todo mundo tem o direito de opinar, essa prática aqui é comum, pois acreditamos que todos têm uma contribuição importante no momento de decisão (...)” E2.

Segundo a literatura guia deste estudo e por meio das falas captadas, lembramos o princípio de “Um membro = Um voto”, onde todos os membros/sócios participam ativamente das decisões do empreendimento, sendo discutidas as melhores propostas, a *posteriori*, por uma assembleia (GAIGER, 1993; SINGER, 2002). Corroborando com essa ideia, Singer (2002) defende que os empreendimentos com práticas de autogestão tendem a manter um ambiente harmonioso, participativo e emancipado, além de que essa experiência de trabalho proporciona um potencial educativo, ou seja, a autogestão, por meio de seus preceitos, permite aos sujeitos envolvidos no empreendimento, uma educação e transformação em seus comportamentos, no sentido de que suas práticas estejam voltadas por valores ideológicos que não sejam aquelas relações sociais capitalistas.

As entrevistadas da associação quando indagadas sobre a forma de gerir o empreendimento, e por quem isto é feito, revelaram que a coletividade é o princípio que norteia as técnicas de gerenciamento e ressaltam que trabalhar sem a presença de um patrão, proporciona um clima organizacional voltado para liberdade, onde se trabalha de uma forma fraterna, solidária e sustentável. Isso se confirma por meio destas falas:

“Trabalhamos de uma forma coletiva, sempre colocamos os interesses da luta negra e da comunidade à frente, não visamos apenas o lucro, o que queremos é desenvolver essa comunidade e conquistar nosso espaço. Não se tem um patrão, somos todos nós, os donos da associação[...]. Trabalhar sem um chefe nos permite a liberdade, nos dá condições de ajudar o próximo sem ter a interferência desse chefe.” E1

“Estamos num mesmo ambiente, estamos todos por dentro de tudo o que acontece na associação, então tudo o que se é decidido é sabido por todos. Tudo o que se é planejado é com ajuda de todos [...]. Não se tem patrão aqui, somos livres, e isso nos ajuda a ter uma boa relação com todos os artesãos.” E2

Dessa forma, conscientes dos benefícios que usufruem através da coletividade e das práticas explanadas nesse momento, percebe-se que essas ações, nessa perspectiva de organização coletiva e fraterna, estão aliadas com as quais Singer (2002) defende para um empreendimento de caráter solidário, pois, segundo o autor, as empresas autogeridas não se apresentam apenas como uma alternativa para os trabalhadores no combate à pobreza e o assalariamento, mas sim, como um leque de práticas que podem contribuir na transformação de comportamentos e de consciência dos praticantes, fazendo com que estes angariem valores ideológicos voltados para a igualdade, solidariedade e participação emancipatória.

No que diz respeito à ausência de patrões nas relações de trabalho, Singer (2002) defende que os próprios trabalhadores sejam os gestores de seus empreendimentos, contradizendo o modelo

de cunho capitalista, que busca exaurir os trabalhadores por meio da exploração de mão-de-obra. Ao assumir a empresa, o trabalhador determina a sua própria carga horária, passam a ser autoempregados coletivos ou sociais, estabelecendo relações saudáveis com cooperados, além de angariar renda para o seu próprio sustento, quanto para a manutenção da associação/cooperativa (SINGER, 2002).

Embora autogerida, sem níveis hierárquicos e sem a existência de relações burocráticas entre seus membros, a AQCC divide as suas atividades em sete comissões, o que não exclui a existência de articulações entre as mesmas, pois segundo as líderes da associação, esta forma organizacional proporciona a racionalização das tarefas, o que impossibilita a exploração dos integrantes. As falas a seguir, explicitam esta constatação:

“É organizada em sete comissões, e distribuída de acordo com a vontade de atuação de cada membro. Temos as comissões de juventude, de geração de renda, de educação, de sócios, da mulher, de patrimônio e de meio ambiente. Mas não prendemos nelas, estamos atuando em conjunto.” E1

“Todo mundo precisa de todo mundo, muitas vezes me vejo trabalhando em várias comissões, a gente se divide de acordo com a afinidade pela área, mas vez ou outra nos vemos, misturados por perceber que tudo está interligado.” E2

A AQCC, diferentemente dos empreendimentos de cunho capitalista - gerenciadas pela figura de um chefe - apresenta uma conjuntura organizacional composta por: um coordenador geral, um coordenador executivo, um secretário, todos estes com seus respectivos vices e um tesoureiro. Mesmo tendo a associação um coordenador geral, este que é o representante jurídico da associação, as decisões tomadas no empreendimento são definidas por meio do consentimento de todos, o que caracteriza um processo democrático, induzindo a uma descentralização de decisões.

Para tomadas de decisões, os membros da AQCC se reúnem duas vezes, mensalmente. As reuniões se dividem de acordo com as pautas, em uma que é realizada todo dia 26, onde são pautados assuntos que remetem ao artesanato, e a segunda que é realizada no último domingo do mês, onde são tratados os assuntos diversos, correspondentes aos sócios.

As imagens (Fotografias 1) representam a reunião societária, onde é discutida a participação dos mesmos, a importância das suas atribuições e os benefícios que a associação e a comunidade obtêm a partir de suas contribuições financeiras.

Fotografias Erro! Nenhuma sequência foi especificada. - Reunião AQCC (Novembro de 2016)



Fonte: Produzida pelos autores.

Para enriquecimento do material coletado nas entrevistas foram angariadas, neste estudo, atas de reunião, onde foram registradas as pautas discutidas, complementadas pela técnica de observação direta em reunião que se deu na Associação, onde foi possível perceber a participação democrática e efetiva dos presentes, ao mesmo tempo em que foi possível aferir, a partir das falas das lideranças, que a AQCC sofre com um déficit de assiduidade recorrente de sócios nas reuniões realizadas mensalmente. Os integrantes presentes asseveraram, nesse aspecto, que se faz necessária a participação de todos nas reuniões realizadas para que estes possam estar cientes das ações deliberadas.

5 Conclusões

Com a conclusão desse estudo, chega-se a determinadas considerações, a partir dos conceitos trabalhados pelos principais autores da Economia Solidária. A ES ganhou muita visibilidade nos últimos vinte anos. Essa nova lógica social tem como objetivo extenuar as mazelas deixadas pelo capitalismo aflorado e proporcionar aos trabalhadores exauridos, uma nova reinserção no mercado. Para isso, essa nova economia baliza-se com princípios contraditórios ao do modelo hegemônico, como por exemplo, a autogestão, a solidariedade, o coletivismo e a sustentabilidade social e ambiental.

Nesta perspectiva, este trabalho procurou compreender como a disseminação dos princípios da economia solidária corroborou com melhorias para a comunidade quilombola de conceição das crioulas sob a égide artesanal. Esse estudo permitiu destacar que os princípios que fomentam a nova lógica social permitem a AQCC uma maneira mais sustentável de administrar o empreendimento, proporcionando ao corpo societário e artesão, um clima organizacional baseado no coletivismo e na autogestão.

Pelas análises de discurso, ficou claro que a AQCC pelo papel que desempenha na comunidade, busca, além de uma posição destaque em relação às suas lutas sociais, defender um desenvolvimento local sustentável para a comunidade. Geração de renda e trabalho é uma dos

meios que norteia a associação e que está aliado com os preceitos defendidos pela ES, sendo assim resultando em oportunidades reais no combate ao desemprego na construção de uma nova forma de organização, já que o mercado se mostra insuficiente nessa tarefa. Apesar de não conseguirem resultados financeiros tão significantes, o empreendimento busca aprimorar as técnicas e habilidade dos artesãos buscando, assim, parcerias com instituições que oferecem capacitações necessárias.

Constata-se também que, aliada ao que busca a ES, num sentido de sustentabilidade, a associação procura abarcar uma miríade de alternativas que buscam métodos de preservação do meio ambiente, assim como, a harmonia entre homem e o meio ecológico. A preocupação com o manejo do solo, o planejamento de angariar os insumos quando a natureza já se desfaz do mesmo, são atitudes que condizem com a ES e com a sustentabilidade ecológica.

Considerando o estudo proposto apresentado, algumas dificuldades foram evidenciadas, tais como: a AQCC juntamente, com a comunidade em si, sofre pela ausência de políticas públicas efetivas e de incentivos que fomentam o desenvolvimento local. A AQCC, que mesmo não sendo uma organização que se declara um empreendimento solidário, mas que busca desenvolver as práticas dos preceitos defendidos por essa nova lógica econômica, deveria beneficiar-se de políticas governamentais que incitem o empreendedorismo de base solidária, para que assim possam subsidiar com mais afinco toda a população que necessita das ações desenvolvidas pela associação.

Entretanto, mesmo com as dificuldades existentes no âmbito organizacional e no que tange a limitação de desenvolvimento de mais ações que busquem melhorias para a comunidade de forma integral, a AQCC, balizada pela autogestão busca o resgate da dignidade humana, permeia relações sociais que estimulam a motivação dos integrantes, e, sendo assim, possibilitando aos mesmos uma nova postura, no intuito de formar um ser humano mais integral, desenvolvido em seus aspectos humano, social, cultural e político.

Este estudo permitiu um panorama elucidativo onde foi verificada que a maneira de gerenciamento de uma organização e aferição do sucesso da mesma depende das interações democráticas do corpo administrativo e operacional, onde a participação assídua e igualitária almeja o crescimento e um futuro promissor aos empreendimentos de base solidária. Na AQCC, foi visto que a partir da disseminação dos princípios defendidos pela ES, como a autogestão e a solidariedade, permitiu aos membros desta, uma relação trabalhista de forma harmônica, onde se angaria muito mais do que o aspecto financeiro, como também um potencial educativo que propicia o desenvolvimento humano.

Verificou-se ainda que o campo da economia solidária é uma área que ainda necessita ser propagada com mais visibilidade e desenvolvida com efetividade, através da articulação entre agentes governamentais e por parte de instituições que capacitam aqueles que desejam atuar com essa nova economia, propiciando assim, aos demais empreendimentos do mesmo cunho econômico, um futuro mais promissor, onde as premissas devam ser praticadas de uma forma contundente e integral. Dessa forma, a economia solidária assumirá uma postura mais efetiva de combate à exclusão e desemprego, como também, uma nova lógica social capaz de resistir ao modelo hegemônico vigente.

Referências

- ALBUQUERQUE, P. **Autogestão**. In: CATTANI, A. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.
- ARRUDA, A. S. O *et al.* **Economia solidária e desenvolvimento local sustentável: um estudo de caso em um sistema de agricultura familiar**. Organizações Rurais & Agroindustriais 17.2 (2015).
- AQCC. **Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil**. 2007. Disponível em: <<http://novacartografiasocial.com/?wpdmact=process&did=OTUuaG90bGluaw==>>. Acesso em: 03 mai. 2016.
- ARCOVERDE, A.C.B; LEÃO,E.L.S.;DIAS;T.F. Economia popular solidária em Pernambuco: conexão entre a prática na sociedade e os estudos na universidade. Recife: Livro Rápido, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORINELLI, B., Luis Miguel LuziodoSantos,andSinival Osório Pitaguari. **Economia Solidária em Londrina: aspectos conceituais e experiência**. Institucional. Londrina: UEL (2010).
- BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento**. Editora Garamond, 2002.
- CATTANI, A. D. (org). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz,2003.
- COELHO, J. **Economia solidária e desenvolvimento sustentável: análise preliminar visando avaliar os espaços da economia solidária no RS**. Grupo de Pesquisa 13 (2006).
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto alegre: Artmed, 2010.
- DOMINGUES, M. **Economia solidária– A economia real do desenvolvimento sustentável**. Colóquio Ibérico de Cooperativismo e Economia Social 5 (2009).
- FERREIRA, L. B., N. Torrecilha, and S. H. S. Machado. **A técnica de observação em estudos de administração**. Encontro nacional dos programas de pós-graduação e pesquisa em administração. 36 (2012).
- FRANÇA FILHO, G. C. **A via sustentável-solidária no desenvolvimento local**. Organizações & Sociedade 15.45 (2008).
- FRANÇA FILHO, G. C.; LAVILLE,, Jean-Louis. **Economia solidária: uma abordagem internacional**. UFRGS Editora: 2004.
- GAIGER, L. I. G. **O trabalho ao centro da economia popular solidária**. XXIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1999. Disponível em: <<http://www.ecosol.org.br/textos/anpocs.doc>>. Acesso em: 03 mai. 2016

- GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOBSBAWM, E. Os Anos Dourados. In : _____. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. 2. Ed. 22 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Cap .9. p. 253-281.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- ROCHA, D. L. da. **A Influência do bolsa família para o desenvolvimento econômico e social da comunidade de conceição das crioulas-Pe**. Monografia. Salgueiro: UPE, 2014.
- ROSENFELD, C. L. A autogestão e a nova questão social: repensando a relação indivíduo-sociedade. **Civitas-Revista de Ciências Sociais** 3.2 (2007): 395-415.
- SANTOS, B.; S. **A Crítica da Razão Indolente**. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANTOS, J. P. B. **O impacto das políticas públicas sobre as práticas tradicionais dos pescadores da Ilha de Itamaracá-PE: o caso do bolsa-família nas comunidades de Jaguaribe e Pilar**. Dissertação de mestrado. Recife: UFRPE, 2012.
- SCHMIDT, D.; PERIUS, V. Cooperativismo – cooperativa. In : CATTANI, Antonio David (org). **A outra economia**. Porto Alegre : Veraz, 2003. p.63-72.
- SINGER, P.; SOUZA, A.; R. **A Economia Solidária no Brasil: A autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.
- SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. Fundação Perseu Abramo, 2002.
- SINGER, P. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. Contexto: São Paulo, 2003.
- SOUZA, N. de J. de. **Desenvolvimento econômico**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- STAHL, R. L.; SCHNEIDER, J. O. **As interfaces entre cooperativismo e economia solidária**. Ciências Sociais Unisinos 49.2 (2013): 197-206.
- TAUILE, J. R.; DEBACCO, E. **Autogestão no Brasil: A Viabilidade Econômica de Empresas Geridas por Trabalhadores**. Estudos e Pesquisas, Porto Alegre, 12 2002.
- TAUILE, José Ricardo, and Huberlan Rodrigues. **Economia solidária e autogestão: a criação e recriação de trabalho e renda** (2004).
- VARGAS, Edson Luis B., and Adelina Baldissera. **Trabalho coletivo/economia solidária**. **Sociedade em Debate** 6.2 (2012): 3-29.
- YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.